

Brasil: as cinco feridas contemporâneas e os cinco passos de superação

Isaias Mendes Barbosa ¹

Resumo: O Texto-Base da Campanha da Fraternidade de 2021 explana que o ano de 2020 foi marcado por crises que repercutiram na vida socioambiental brasileira e se agravaram com a covid-19. Categorizando a vida socioambiental em cinco dimensões (pessoal, familiar, religiosa, científica e ambiental), identificamos tais crises como cinco feridas socioambientais (a vulnerabilidade humana, os conflitos familiares, a intolerância socioambiental, o negacionismo científico e o crime ambiental). Pela análise das bibliografias *Laudato Si'* do Papa Francisco, *Un mundo vulnerable* do Jorge Riechmann e a *Ética e Espiritualidade* de Leonardo Boff, dentre outras, encontramos cinco temáticas (o autoconhecimento/espiritualidade; o respeito, a tolerância e a fraternidade familiar; o diálogo, a solidariedade e a unidade na diversidade; o reconhecimento do outro e a ética para as ciências técnicas; o cuidado e a sustentabilidade socioambiental) que foram compreendidas como passos de superação. O autoconhecimento nos leva à espiritualidade heurística que nos abre para a interdependência e dignidade humano-ambiental para a necessária convivência familiar, na harmonia das partes e no bem comum. Daí se destaca o valor dos seres em si mesmos e a demanda de uma eticidade à ciência técnica, cuja base ética socioambiental se faz pelo cuidado e pela sustentabilidade.

Palavras-chave: 2020. Brasil. Feridas. Passos. Esperanças.

INTRODUÇÃO

2020 vai ficar na história da humanidade como o período marcado pela pandemia da Covid-19 que ceifou inúmeras vidas, interrompendo histórias, projetos e sonhos. No Brasil sofremos por demais com o coronavírus SARS-CoV-2. Este se tornou um problema de urgência (sanitária) nacional, cujo efeito catastrófico foi, além das mortes de inúmeras pessoas, tornar patente as crises que passávamos, mas de modo velado.

Crises estas compreendidas aqui como feridas socioambientais porque estas já estavam presentes em nosso meio há um bom tempo (colonialismo) e como marcas profundas na história de discriminação, violência e exclusão brasileira. Feridas socioambientais porque não tem como fingir ou apagar tais marcas na história do nosso povo, mas apenas dá passos para a cicatrização ou superação de tais enfermidades.

Assim sustentamos que tais crises ou feridas afetaram as cinco dimensões da vida: a vida pessoal, a familiar, a religiosa, a científica técnica e ambiental. A pandemia não teve classe, nem gênero, raça ou condição social. Ela chegou não só nas pessoas e grupos que sofriram com a violência social, mas também repercutiu na natureza, pois tanto interrompeu a vida

¹ Membro da Congregação dos Missionários Redentoristas. Graduado no curso de Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) de Minas Gerais. Professor licenciado no curso de Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: isaiasredentorista@hotmail.com.

dos que tinham o compromisso milenar de cuidar das florestas, matas e meio ambiente, como deixou vazio certos espaços do ecossistema, propiciando a continuação e intensificação do crime ambiental nas matas, florestas, vale e montanhas do nosso país. Nada foi poupado deste vírus. A nossa casa comum, onde habitamos e construímos a nossa humanidade, sofreu com isso.

Se a pandemia trouxe à tona nossas feridas, estas foram identificadas, no segundo capítulo, como: a vulnerabilidade pessoal de determinada classe que já subsistia nos porões da civilidade, os conflitos familiares e sociais que demarcaram a história do povo brasileiro, a intolerância sociorreligiosa na sua violência contra correntes e outras expressões de fé, o negacionismo científico técnico como consequência de uma alienação ou fundamentalismo religioso e, por último, o crime do desmatamento e destruição socioambiental da Amazônia.

Ora, para cada ferida deve haver algum procedimento ou passo a passo de cuidado. Assim delineamos como temática alguns passos de resiliência, na tentativa de dar um fôlego de esperança e felicidade humana em meio a tantas dores. Nessa ótica falamos, no terceiro capítulo, sobre o “autoconhecimento e a espiritualidade ecoteológica”, o “respeito, a tolerância e a fraternidade familiar”, o “diálogo, a solidariedade e a unidade na diversidade”, o “reconhecimento do outro e a necessidade ética para com as ciências técnicas” e, por fim, “o cuidado e a sustentabilidade socioambiental”.

Em suma, cada passo pode contribuir para que aos poucos façamos um caminho necessário, a fim de que renovemos as esperanças, reconstruamos a nossa humanidade, ressignifiquemos o nosso país. O autoconhecimento nos ajuda a se reconhecer e se acolher como pessoas dependentes e em relação, a espiritualidade heurística nos abre para uma fé que liga tudo com o Todo, pois tudo está interligado. A ligação exige relação fraterna e uma boa convivência familiar para construirmos nossas experiências sustentáveis, tendo em vista um bem maior, o bem socioambiental, o bem comum. Isso resgata o valor e a dignidade de cada coisa, de cada ser que existe e vive no mundo. O que já temos enquanto ciência técnica necessita de uma ética para que salvide a vida socioambiental e que esta esteja assentada no cuidado e na sustentabilidade integral.

1 A CAMPANHA DA FRATERNIDADE: ANÁLISE DE CONJUNTURA (CRISE) EM CINCO DIMENSÕES DA VIDA SOCIOAMBIENTAL

A *Campanha da Fraternidade* de 2021, cujo tema é “*Fraternidade e diálogo: compromisso de amor*”, e o lema é “*Cristo é a nossa paz, do que era dividido fez uma unidade*” (Ef2,14) expressou a conjuntura brasileira nos seus “momentos de tensões e conflitos” (CFE, n.40), violência (CFE, n.7) e crises (CFE, n.46-56). Se desde 2008 sofremos com a crise econômica que “levou milhões de pessoas à pobreza” (CFE, n.48), de crise em crise chegamos na contemporaneidade ao seu momento mais dramático: discriminação, violência, xenofobia, feminicídio, desigualdades, racismo e mortes.

A pandemia afetou diversas esferas da vida socioambiental. Ela “escancarou as desigualdades e a estratificação racial, econômica e social” (CFE, n.31). Poderíamos dizer que ela trouxe à tona as nossas feridas mais profundas. Assim, na tentativa de analisar melhor algumas áreas conflitivas e de crise socioambiental, afetadas pela pandemia, vamos categorizá-las em cinco dimensões, a saber: a dimensão grupal pessoal e de classe, a dimensão familiar, a dimensão religiosa, a dimensão científica e a dimensão ambiental.

Os efeitos da pandemia chegaram na primeira dimensão *pessoal* (grupal) que já se encontrava em crise: “O retorno do Brasil ao mapa da fome, ao desemprego massivo, ao aumento de pessoas em situação de rua, à cultura da violência contra as mulheres, as pessoas negras, os indígenas, as pessoas LGBTQI+ foram expostas pela pandemia” (CFE, n.31).

A pandemia atingiu às *famílias* “e deixou espaços vazios na cultura nacional. Em poucos meses o Brasil alcançou a triste marca de 10% dos óbitos de todo o mundo” (CFE, n.24). As *relações religiosas* se tornaram mais conflitantes pela violência, discriminação e preconceito: o ódio ao diferente, dirigido contra pessoas por causa de traços físicos, da dança e religiosidade, encontra nessas características justificativas para a violência e para a perseguição. Da mesma forma foi uma constância os casos de intolerância religiosa, contra tradições de matriz africana (CFE, n.85). Tivemos grupos religiosos que associavam a pandemia ao fim do mundo (CFE, n.27).

Na dimensão da *ciência* constatamos os efeitos da pandemia: “ainda que esta não seja a primeira pandemia da história da humanidade, e provavelmente não será a última, há diversos fatores que nos imobilizam como a incerteza, a insegurança, (...). Essa sensação de medo e impotência vem à tona, apesar dos grandes avanços científicos” (CFE, n.25). Junto do fanatismo religioso veio “a negação” e desconfiança da ciência assim como as teorias “conspiratórias de que a Covid-19 fora desenvolvida em laboratório, na China” (CFE, n.30).

Na dimensão *ambiental* observamos que na Amazônia os povos tradicionais e que estão em situação de exclusão “são entregues à própria sorte, abandonados (...). A pandemia da Covid-19 no Estado do Amazonas significou a morte de muitas pessoas. Foram inúmeras as denúncias do aumento de casos de Covid-19 sobretudo entre a população indígena” (CFE, n.79).

2 IDENTIFICANDO E REFLETINDO SOBRE AS CINCO FERIDAS SOCIOAMBIENTAIS QUE SE AGRAVARAM NO BRASIL COM A PANDEMIA

Tratado a eventualidade trágica da Covid-19 nas categóricas cinco dimensões da vida humana, agora vamos nos debruçar sobre as crises (CFE, n.44) ou feridas porque passava o povo brasileiro. Elas se escancararam com a pandemia. Vale ressaltar que tais feridas tiveram repercussão nas cinco dimensões já citadas, porém, na presente pesquisa elas estarão localizadas e identificadas por dimensões específicas. As cinco feridas são: a vulnerabilidade

pessoal ou grupal/classista, os conflitos familiares, a intolerância sociorreligiosa, o negacionismo científico técnico e o crime ambiental.

2.1 A VULNERABILIDADE PESSOAL, GRUPAL OU CLASSISTA

A pandemia evidenciou a “nossa fragilidade, nossa vulnerabilidade e o nosso potencial autodestrutivo” (CFE, n.26). Percebemos o quanto que as pessoas, grupos ou classe de baixa renda eram vulneráveis (CFE, n.26). Nesse tempo de crises elas acabaram sendo culpabilizadas, tratadas como inimigas e sofrendo cada vez mais (CFE, n.54). A Campanha evidenciou a vulnerabilidade das “trabalhadoras domésticas” que não tinham carteira assinada, nem previdência social (CFE, n.66) e eram atingidas pela violência (CFE, n.65-66) tanto quanto o grupo LGBTQI+ (CFE, n.68) e os negros (CFE, n.60). Essa realidade só comprovou que as relações humanas no nosso país são desiguais, discriminatórias, e que as pessoas vulneráveis foram as que mais sofreram.

2.2 OS CONFLITOS FAMILIARES

Os conflitos familiares se acirraram, foram “discussões familiares, problemas de saúde, (...) inimizades, preconceitos, indiferenças” (CFE, n.44). “A pandemia dilacerou famílias” (CFE, n.24). As tensões do conflito estiveram presentes nas famílias (CFE, n.36). Como afirmou o Papa Francisco na obra *Amoris Laetitia* “nenhuma família ignora como o egoísmo, o desacordo, as tensões, os conflitos agridem, de forma violenta e às vezes mortal, a comunhão: daqui as múltiplas e variadas formas de divisão da vida familiar” (AL, n.106).

2.3 A INTOLERÂNCIA SOCIORRELIGIOSA

A intolerância assumiu no Brasil a dimensão sociorreligiosa. Ela foi usada tanto para justificar uma falsa moralidade como para praticar a violência. A intolerância religiosa foi exercida como consequência dos muros que nos separavam: o racismo, o fundamentalismo do mercado e a xenofobia (CFE, n.90). Os “casos de intolerância religiosa contra tradições de matriz africana têm sido permanentemente denunciados [...] chegamos a registrar 61 casos” (CFE, n.85).

2.4 O NEGACIONISMO CIENTÍFICO

O negacionismo científico esteve atrelado ao fundamentalismo religioso, ao medo, à insegurança e ignorância social. Houve uma constância de discursos negacionistas para com as ciências e sobre teorias conspiratórias infundamentadas. Tais grupos afirmavam que “a Covid-19 fora desenvolvida em laboratório, na China” (CFE, n.30). Como sustentou o Prof. Dr. Pe. Alfonso V. Amarante no artigo “vacinar-se: uma escolha moral”, publicado *pelo “Instituto Humanitas Unisinos”* em 29 de janeiro de 2021: “Existem também grupos pequenos,

(...), que sustentam, sem dados científicos comprovados, que a vacina não é outra coisa senão um complô orquestrado pela indústria farmacêutica e pelos governos mundiais para controlar as massas”.

2.5 O CRIME AMBIENTAL

No último tópico vemos as “queimadas, invasões e o extrativismo ilegal” que violentaram a vida na Amazônia e alteraram os ecossistemas locais. Diante desses ataques os povos tradicionais, ligados à convivência com a natureza, foram retirados dos seus territórios de origem” (CFE, n.79). A violência contra a terra e os povos originários foi legitimada por um discurso religioso reativo e baseado no sistema de dominação (CFE, n.81).

3 OS CINCO PASSOS PARA A SUPERAÇÃO DAS FERIDAS SOCIOAMBIENTAIS

Observado acima tais feridas que se agravaram com a pandemia da Covid-19, não podemos tocá-las sem buscar um caminho de superação. Para isso nos deteremos em textos – do Papa Francisco, do Jorge Riechmann e do Leonardo Boff – que contribuirão para um caminho de resiliência. Dito isso, acentuamos categoricamente cinco passos possíveis: 3.1) autoconhecimento e a espiritualidade ecoteológica, 3.2) o respeito, a tolerância e a fraternidade familiar; 3.3) o diálogo, a solidariedade e a unidade na diversidade; 3.4) o reconhecimento e a necessidade ética para com as ciências técnicas; 3.5) o cuidado e a sustentabilidade socioambiental.

3.1 AUTOCONHECIMENTO E A ESPIRITUALIDADE ECOTEOLÓGICA

Na obra *“Un mundo vulnerable: Ensayos sobre ecología, ética y tecnociencia”*, Jorge Riechmann fala sobre uma máxima socrática: “uma vida sem reflexão não vale apenas ser vivida” (2005, p.18). Da necessidade de reflexão, a autoavaliação é que surge o conhecimento do sujeito, da vida humana “entre outras vidas. O isolamento resulta impensável: inconcebível e incompreensível. Necessariamente nos descobrimos entre outras vidas, rodeado de outras vidas” (RIECHMANN, 2005, p.18).

No *“CADERNO Especial Rumos”* sobre a *“Dimensão política e teológica da ecologia”* Leonardo Boff fala do conhecimento do ser humano pela sua relação com o mundo: “O ser humano está dentro dessa totalidade que é o nosso universo. Todos nós somos parte, parcela de uma totalidade que nos desloca para todos os lados, [...] e da qual nós dependemos: do ar que respiramos, do feijão com arroz que comemos” (BOFF, 1992, p.12). A dependência, o ser parte (LS, n.17), a vulnerabilidade, a complexidade, a interioridade e a interdependência constituem a condição frágil humana.

Na *Laudato Si’* o Papa Francisco fala que cada “época tende a desenvolver uma reduzida autoconsciência dos próprios limites” do homem (LS, n.105). O autoconhecimento torna-se

um desafio a ser trilhado para que o humano possa se conhecer e se acolher, pois “o ser humano não é plenamente autônomo”, mas um ser de relação (razão, paixão, afetos), carente de uma espiritualidade (LS, n.105) para autoconhecer-se. No autoconhecimento o ser humano “pode trabalhar as suas relações, a sua responsabilidade, [...] e desenvolver uma experiência de si mesmo mais radical, com consciência, com mais auto imagem, e pode também elaborar uma experiência daquele mistério que tudo perpassa, [...] Deus” (BOFF, 1992, p.41).

Segundo Boff, a espiritualidade é a base para a vida humana nas suas relações fundamentais. “Efetivamente, só a vida do espírito satisfaz plenamente o ser humano” (BOFF, 2017, p.12). Ela “lança suas raízes na razão cordial e sensível. Disso vem a paixão pelo cuidado e o compromisso sério de amor, de responsabilidade e de compaixão para com a Casa Comum” (BOFF, 2017, p.11). “Sem vida do espírito divagamos por aí, sem um sentido que nos oriente e que torne a vida agradecida” (BOFF, 2017, p.13). A espiritualidade nos oferece “motivações importantes para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis” (LS, n.64)

3.2 O RESPEITO, A TOLERÂNCIA E A FRATERNIDADE FAMILIAR

Na *Amoris Laetitia* o Papa Francisco sustenta que precisamos “valorizar as relações familiares que querem permanecer no tempo e garantem o respeito pelo outro” (AL, n.38). O respeito exige de nós saber entrar na vida do outro, mas na “delicadeza de uma atitude não invasiva, que renova a confiança (...). E quanto mais íntimo e profundo for o amor, tanto mais exigirá o respeito pela liberdade e a capacidade de esperar que o outro abra a porta do seu coração” (AL, n.99).

Francisco afirma que “cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, procurando evitar ‘qualquer sinal de discriminação injusta’ e particularmente toda a forma de agressão e violência” (AL, n.250). Riechmann amplia tal questão ao apresentar o respeito pelo outro, que inclui o cuidado, o não invadir o outro, respeitando a integridade do seu corpo, seu espaço ecológico. (2005, p.29).

A tolerância está inserida em um projeto de vida familiar que não está acabado, mas que deve ser levado e construído de modo conjunto (AL, n.218). A tolerância nos coloca diante da consciência da nossa imperfeição e da esperança de que em dado momento a maturidade familiar seja alcançada. É “o início dum itinerário, cujo objetivo se propõe superar as circunstâncias que surgirem e os obstáculos que se interpuserem” (AL, n.218). A intolerância torna o corpo familiar incapaz de se apoiar no amadurecimento e na união. A superação da violência é caminho trilhado pelo diálogo amoroso, testemunhando a unidade na diversidade (At 2,1-13).

A *Fratelli Tutti* nos orienta para uma vida “aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita” (FT, n.1). A fraternidade é efeito de uma espiritualidade

que lembra “que Deus ‘criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade, e os chamou a conviverem entre si como irmãos” (FT, n.5). A fraternidade nos tira da solidão e nos coloca numa comunidade, no resgate de nossa dignidade: ninguém “pode enfrentar a vida isoladamente (...); precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos!” (FT, n.8).

3.3 O DIÁLOGO, A SOLIDARIEDADE E A UNIDADE NA DIVERSIDADE

O diálogo exige uma reciprocidade “que consiste em aceitar a alteridade do outro, em um estar aberto ao outro” (BOFF, 1992, p.47). O diálogo faz parte da vida das pessoas, porém, por complexas tramas variáveis de relações. O diálogo se inscreve na vida humana como comunicação necessária. Segundo Paul Suess (2017, p.72): “O diálogo ultrapassa disputas frias (...) entre verdades culturais (...). O diálogo, segundo Francisco, exige um cenário próprio: encontro, proximidade, escuta recíproca, silêncio, empatia, caminhar juntos”. Na *Laudato Si'* o diálogo precisa chegar ou atingir a todos os que moram na casa comum (LS, n.3). É caminho de amor, mas de superação das nossas feridas sociais a fim de que possamos sobreviver e resguardar a sobrevivência e vida digna das gerações futuras assim como dos seres que habitam a nossa casa comum.

A solidariedade sempre foi um bem eclesial. Expressão pessoal e social da caridade que nos salva e nos identifica com Cristo. A nível global precisamos de uma solidariedade universal (LS, n.14). A solidariedade em um mundo desigual, de discriminação e exclusão, assumi decididamente uma opção pelos pobres e vulneráveis sociais. É neste sentido que ela se torna justiça de Deus. Para Boff “A solidariedade se encontra na raiz do processo de hominização. (...) Essa solidariedade objetiva deve ser assumida subjetivamente como um projeto pessoal e coletivo” (BOFF, 2017, p.82). A solidariedade política deverá ser o eixo articulador da sociedade mundial.

A unidade implica percebermos que há algo em comum e imprescindível para a nossa sobrevivência e bem-estar, mesmo diante do pluralismo religioso e dos demais seguimentos sociais. “A par destas legítimas diferenças existe um patamar de igualdade comum: todos somos humanos; todos somos habitantes da mesma Casa Comum” (BOFF, 2017, p.52). Estamos falando da promoção humana que deve estar presente nas estruturas religiosas e sociais, pois tal promoção e estruturas fazem parte e podem instrumentalmente contribuir para efetivar a unidade cristã e sua missão evangelizadora. Isso é muito bem tralhado no ecumenismo.

Podemos afirmar que em Riechmann há certa aproximação do princípio do bem comum com o princípio “de igual consideração dos interesses”, juco os interesses pessoais não podem se sobrepor aos interesses comuns (RIECHMANN, 2005, p.19). O bem comum é um elemento que pode contribuir para unidade na diversidade. Ele “pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu

desenvolvimento integral. Exige (...) bem-estar e segurança social e (...) o princípio da subsidiariedade” (LS, n.157).

3.4 O RECONHECIMENTO DO OUTRO E A NECESSIDADE ÉTICA PARA COM AS CIÊNCIAS TÉCNICAS

O reconhecimento exige um profundo respeito pelo outro. “Cada pessoa é única no mundo, possui valor em si mesma e, para as pessoas religiosas, o outro é a maior revelação do Criador” (BOFF, 2017, p.77). A “valorização de cada pessoa humana (...) estimula o reconhecimento do outro. A abertura a um «tu» capaz de conhecer, amar e dialogar continua a ser a grande nobreza da pessoa humana” (LS, n.119). Para Riechmann o reconhecimento da dignidade e direito do outro deve ser ampliado em relação aos demais seres da nossa casa comum. Todos os seres merecem o nosso reconhecimento além de nós mesmos. Pois todos possuem um valor moral que lhe deve ser assegurado (RIECHMANN, 2005, p.22). Isso se completa espiritualmente em Francisco ao vermos que todas as criaturas possuem um valor em si mesmas (LS, n.33).

A covid-19 evidenciou que a ciência (técnica) foi colocada em dúvida pelo extremismo e fundamentalismo religioso. Poderíamos dizer que tal desconfiança revela um pano de fundo que caiu por terra com a pandemia: o ilimitado poder da tecnociência sobre a vida humana. As ciências técnicas não são instrumentos absolutos de salvação humana, elas precisam de um transfuso ético para cumprir sua finalidade teleológica. Neste sentido elas precisam de uma ética que lhe assegure caminhos viáveis.

“Uma ciência, que pretenda oferecer soluções para os grandes problemas, deveria necessariamente ter em conta tudo o que o conhecimento gerou nas outras áreas do saber, incluindo a filosofia e a ética social” (LS, n.110). A necessidade de uma ética que oriente a tecnociência para o bem comum e o bem viver de todos os seres que compõe a nossa casa comum se torna um imperativo exigente. Uma ética “capaz de limitar a técnica, orientá-la e colocá-la ao serviço doutro tipo de progresso, mais saudável, mais humano, mais social, mais integral” (LS, n.112). Daí se faz fundamental o desenvolvimento de uma ética (do cuidado) para termos uma tecnociência sustentável e uma ecologia integral.

3.5 O CUIDADO E A SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

Segundo Leonardo Boff a proposta de uma ética do cuidado se dá como fonte secreta da ética da Terra: “Tanto a morada como o outro exige cuidado. Se não cuidarmos da morada ela lentamente se deteriorará (...). Se não cuidarmos de nossa relação para com o outro, ao invés de um companheiro (...) e um amigo, faremos dele um marginalizado e desumanizado” (BOFF, 2017, p.70). Há dois sentidos para o cuidado: “significa, primeiramente, uma relação amorosa, suave, amigável e protetora para com a realidade; no caso, para com a natureza” (BOFF, 2017, p.71). E, por conseguinte, expressa “a inquietação” e “desassossego pelo destino

do outro. Em nosso caso, cuidado (...) implica a preocupação e até indignação pela nossa relação de desfrute, de exploração e até de devastação que submetemos a Terra” (BOFF, 2017, p.72).

No pensamento de Riechmann a proposta de sustentabilidade precisa se orientar pelos seguintes critérios: “a habitação do planeta para as gerações futuras, e os tipos de vida possíveis nela” (RIECHMANN, p.179). Assim, “uma ordem socioeconômica é ecologicamente sustentável quando a produção social, potencialmente, pode prolongar-se até o futuro, porque não põe em perigo as condições ecológicas e funções ambientais” (RIECHMANN, 2005, p.177).

Uma economia sustentável não excede os limites dos bens e serviços da natureza, mas, pelo contrário, a fruição de tais bens e serviços são de tal modo realizadas que conservam a integridade, dignidade e processo de reposição dos bens naturais. Assim, “A atividade humana sustentável seria aquelas universais em longa escala de tempo, que tenha conta das restrições ecológicas impostas pela finitude da biosfera (RIECHMANN, 2005, p.178), incluso o ser humano. Assim, “é indispensável prestar uma atenção especial às comunidades aborígenes com as suas tradições culturais. (...) Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuida” (LS, n.146).

CONCLUSÃO

Negar as feridas que temos no Brasil desde tempos históricos, e que se tornou patente com a Covid-19, seria não reconhecer que o nosso país está fragilizado, com polarizações, conflitos, violência e risco de autodestruição socioambiental. Mas o que é negado não pode ser trabalhado, cuidado e menos ainda melhorado. Por isso partimos das dores e feridas de nossa realidade brasileira a fim de pensar em passos alternativos de superação.

A categorização das dimensões afetadas pela Covid-19 nos ajuda a identificar os espaços específicos e de maior urgência de revitalização. Porém, não podemos esquecer que estamos tratando de dimensões que se relacionam, porque assim como a violência – expressiva pelos grupos e movimentos radicais extremistas – atingiu pessoas, do mesmo modo tal violência chegou no seio familiar, transitou pela diversidade religiosa até repercutir no nosso meio ambiente. Deste modo tivemos reflexos de violência, conflito, discriminação e mortes nas cinco dimensões da vida socioambiental.

Mas como em todo processo de desigualdade, tais efeitos da violência atingiram com maior pressão àqueles que estavam nas periferias existenciais, os pobres, os excluídos, os descartados e lesados nos seus direitos. Os mais vulneráveis foram massacrados, pisoteados e desumanizados, tratados como inimigos aos custos do bem-estar de uma elite: grupos políticos e sociais que tinham melhores condições de vida, suporte e segurança humana.

Ao tratarmos sobre passos de superação que englobam socioambiental não estamos descartando os princípios (direitos) básicos da sobrevivência e vida digna. Ao contrário, tais

passos de superação quando bem realizados, reforçam e elevam à excelência os direitos humanos e ambientais. A eco espiritualidade e percurso de humanização tanto estar bem assentado no essencial e sublime das religiões, como nos conduz ao direito e dignidade integral do gênero humano junto com todos os seres da casa comum.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, Alfonso V. Vacinar-se: uma escolha moral. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/605996-vacinar-se-uma-escolha-moral>. Acesso em 10 abri., 2021.
- BOFF, Leonardo. *Dimensão política e teológica da ecologia*. Brasília: Editora Rumos, 1993.
- BOFF, Leonardo. *Ética e Espiritualidade: Como cuidar da Casa Comum*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: O que é – O que não é*. 5ªEd. EDITORA VOZES: Petrópolis, 2012.
- PAPA FRANCISCO. *Carta encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. 1ªed. São Paulo: Paulus editora, 2020.
- PAPA FRANCISCO. *Carta encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- CONIC/CNBB. *Campanha Fraternidade Ecumênica 2021: Texto-Base*. Brasília: Edições CNBB, 2020.
- PAPA FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal. Amoris Laetitia: sobre o amor na família*. Editora Canção Nova: Cachoeira Paulista, 2016.
- RIECHMANN, Jorge. *Un mundo vulnerable: Ensayos sobre ecologia, ética y tecnociência*. Madrid: Catarata, 2 ed., 2005.
- SUESS, Paulo. *Dicionário da Laudato Si': sobriedade feliz. 50 palavras-chave para uma leitura pastoral “sobre o cuidado da casa comum” do Papa Francisco*. Paulus: São Paulo, 2017.